

Otimismo com o Brasil

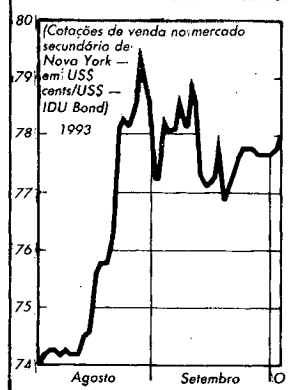
* 5 OUT 1993

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

Uma série de manifestações otimistas sobre o Brasil, feita por instituições financeiras internacionais, contrasta com a cautela dos próprios investidores brasileiros. A mais recente aconteceu ontem pela manhã, numa conferência telefônica da equipe de analistas do Chemical Bank, chefiada por Thomas Trebat, com sessenta investidores institucionais dos EUA.

"Nós estamos otimistas com o Brasil", disse a este jornal Ernesto Bergeron, um vice-presidente do Chemical que participou da conferência. "Nós entendemos que o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, vai tomar iniciativas para reduzir o déficit fiscal do governo. E temos confiança que o Fundo Monetário Internacional (FMI) vai apoiar a conclu-

Títulos da Dívida Externa



são do Plano Brady de redução da dívida do País com os bancos comerciais", explicou.

Na sexta-feira passada, o número dois do ING Bank da Holanda no Brasil, Jordi Wiegierinck, desembarcou em Nova York para uma conversa com investidores

GAZETA MERCANTIL

institucionais, marcando também uma posição otimista sobre o País. "Nós sempre fomos otimistas com o Brasil e continuamos sendo. Acreditamos que o FMI vai apoiar a conclusão do Plano Brady, mesmo que não seja via acordo tradicional", disse ontem a este jornal um vice-presidente do ING Bank em São Paulo, José Luiz Castro Lima.

Se existe uma companhia com o nome Morgan que está otimista com o País é sem dúvida o Morgan Stanley. Seu analista de mercados emergentes, Robert J. Pelosky Jr., acaba de distribuir aos clientes do banco de investimentos no mundo inteiro um relatório de três páginas intitulado, sugestivamente, "Brasil — o começo de algo grande".

Pelosky nota num tom quase poético que "o mercado brasileiro premiou investidores dedicados em mercados emergentes neste ano com uma alta de 109% (em dólares). Para outros, o Brasil ainda é uma criança imprevisível, incapaz de concatenar seus atos. Nós acreditamos que a criança imprevisível está se transformando num jovem robusto, pronto para conquistar o coração dos investidores".

Ele reconhece que "o Brasil não é um país fácil de entender, e seu passado de inflação extremamente elevada não torna o entendimento mais fácil. Mas vários desdobramentos positivos apóiam nossa posição otimista". E menciona a redução de tarifas de importação, de 32% em 1989 para 14%, a abertura para importações de automóveis

e computadores, a queda no prêmio do mercado paralelo do dólar, de mais de 100% para 10-12% (ontem era de 1,47%) e a privatização de mais de vinte empresas por cerca de US\$ 6 bilhões.

Embora Pelosky reconheça que a inflação continua pondo o Brasil atrás de seus vizinhos latinos, ele destaca outros seis pontos positivos que vieram com a ascensão de Fernando Henrique Cardoso ao Ministério da Fazenda.

(Continua na página 21)

Os papéis brasileiros fecharam com uma ligeira alta, ontem, no mercado secundário de Nova York. O New Money Bond fechou cotado a 91 centavos de dólar, com uma elevação de 0,55% em relação à última sexta-feira. O Exit Bond e o Idu Bond subiram 0,2%. As ações do Brazil Fund, porém, perderam meio dólar, fechando a US\$ 18,875.

(Ver página 21)

Otimismo com o Brasil

GAZETA MERCANTIL

por Getúlio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

São a aprovação do Imposto Provisório sobre Movimentações Financeiras (IPMF) no Congresso, o corte de US\$ 6 bilhões no orçamento federal deste ano, um aumento real de 35% na receita de impostos, a derrota de uma lei salarial inflacionária e limitação de financiamentos aos gastos estaduais, a renegociação de 50% da dívida federal dos estados, a qualidade da nova equipe e o apoio do presidente Itamar Franco.

O analista do Morgan Stanley cita também as quatro principais queixas externas sobre o Brasil, e responde a uma por uma. A primeira é que o Brasil é um mercado especulativo. Pelosky só falta rir, e argumenta que julgando pela valorização o Brasil é tudo menos especulativo: as ações estão negociando entre dez e onze vezes os depósitos lucros estimados de 1993; vendem a 50-60% do valor nominal, uma das menores relações no universo de mercados emergentes que cobrem; e tem uma participação muito menor (10%) de investidores estrangeiros que o México (30%).

O pessimismo número

dois pondera que as bolsas já se valorizaram mais de 100% em 1993 e agora devem corrigir os preços para baixo.

Pelosky responde que a Telebrás, ponto de referência do mercado acionário do País, subiu 200%, desde sua baixa no final de 1992, e no entanto "ainda é a mais barata e a mais atraente ação no nosso universo global de telecomunicações, e o Brasil, um dos mercados mais baratos do mundo".

NAFTA X BRASIL

A queixa número três é de que o Brasil é uma confusão que não mostra sinais de melhoria. O analista do Morgan Stanley responde que "o ritmo de melhorias fundamentais no Brasil está acelerando". Diz que não espera nenhum choque heterodoxo, mas sim mudanças no programa de privatização e estímulos adicionais à entrada do capital estrangeiro.

A última queixa frequente é de que caso o México seja prejudicado, devido ao Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), também o Brasil será prejudicado. Pelosky garante que é o contrário. Se o México for prejudicado, "nós acreditamos que o Brasil será beneficiado como o maior mercado acio-

* 5 OUT 1993

nal latino depois do México".

Não admira que o Brasil tenha um peso maior no portfólio latino do Morgan Stanley do que na maioria das instituições, com média de 32% da alocação de capital, ante 29% do peso brasileiro no índice da International Finance Corporation. Em termos de portfólio em dinheiro real investido pelo banco de investimentos, o peso do Brasil cresceu recentemente para 36%.

BEAR STEARNS E BARING

A posição do Morgan Stanley é a mais contundente, mas não está isolada. Uma nota de Tamzin Hobday mostra que a Baring Securities "continua positiva a respeito do Brasil", depois do anúncio de aprovação do início da reforma constitucional. A Baring "continua a recomendar o mercado brasileiro para o longo prazo", afirma a nota.

Outro sinal positivo vem da Bear Stearns & Co., que já administra 25% do capital movimentado na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, e se prepara para abrir um escritório formal de representação no Brasil até o final deste ano. Recentemente, a Bear Stearns promoveu um seminário sobre o Brasil.